

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Unidade de Invenções Pedagógicas (UIPSS)¹

Pedagogical Inventions Unit (UIPSS)

 Leísa Sasso *

Resumo: Resumo: Esse texto narra uma experiência bem sucedida de Educação Baseada em Arte (EBA) que ocorreu entre os anos de 2012 e 2015, durante minha gestão no Centro Educacional São Francisco de São Sebastião e em seu anexo na Penitenciária da Papuda, a Unidade de Internação Provisória de São Sebastião. Esse trabalho, que vigora até hoje no âmbito da socioeducação e que chamo de Proposta de Potência Poética Política e Pedagógica (PPPPP), alterou significativamente as práticas pedagógicas dos profissionais da educação uma vez que imprimiu significação e sentido no contexto da socioeducação o que envolve muito mais os estudantes que passaram a ser protagonistas das atividades propostas concebidas como projetos. Os professores passaram a considerar na Educação Básica uma filosofia e metodologia chamada *A/r/tografia*, concebida por professores da British Columbia University para o ensino superior. Na SEEDF, a proposta une a pesquisa orientada pelo Currículo em Movimento com a produção artística dos estudantes em mediações pedagógicas promovidas pelos profissionais da educação. Na época, nossas principais referências teóricas foram o professor José Pacheco e o professor Fernando Hernandèz e fomos muito criticados por nossos pares por estarmos tornando o espaço tempo pedagógico em uma atividade prazerosa. Paradoxalmente, o mérito do feito aconteceu em 2015 quando o MEC reconhece a Instituição Educacional como “Referência de Inovação e Criatividade”.

Palavras-chave: Socioeducação. *A/r/tografia*. Arte. Prática pedagógica. Inovação.

Abstract: This text narrates a successful experience of Art Based Education (EBA) that took place between 2012 and 2015, during my tenure at the São Francisco de São Sebastião Educational Center and its annex at Papuda Penitentiary, the Unit of Provisional Admission to São Sebastião. This work, which is still in force today in the context of socio-education and which I call the Political and Pedagogical Poetic Power Proposal (PPPPP), significantly changed the pedagogical practices of education professionals as it imprinted meaning and meaning in the context of socio-education, which involves a lot more students who became protagonists of the proposed activities conceived as projects. Teachers started to consider in Basic Education a philosophy and methodology called *A/r/tography*, conceived by professors from British Columbia University for higher education. At SEEDF, the proposal unites research guided by the Curriculum in Motion with the artistic production of students in pedagogical mediations promoted by education professionals. At the time, our main theoretical references were Professor José Pacheco and Professor Fernando Hernandèz, and we were heavily criticized by our peers for turning pedagogical space-time into a pleasurable activity. Paradoxically, the merit of the feat came in 2015 when the MEC recognized the Educational Institution as a “Reference for Innovation and Creativity”.

Keywords: Socioeducation. *A/r/tography*. Art. Pedagogical practice. Innovation.

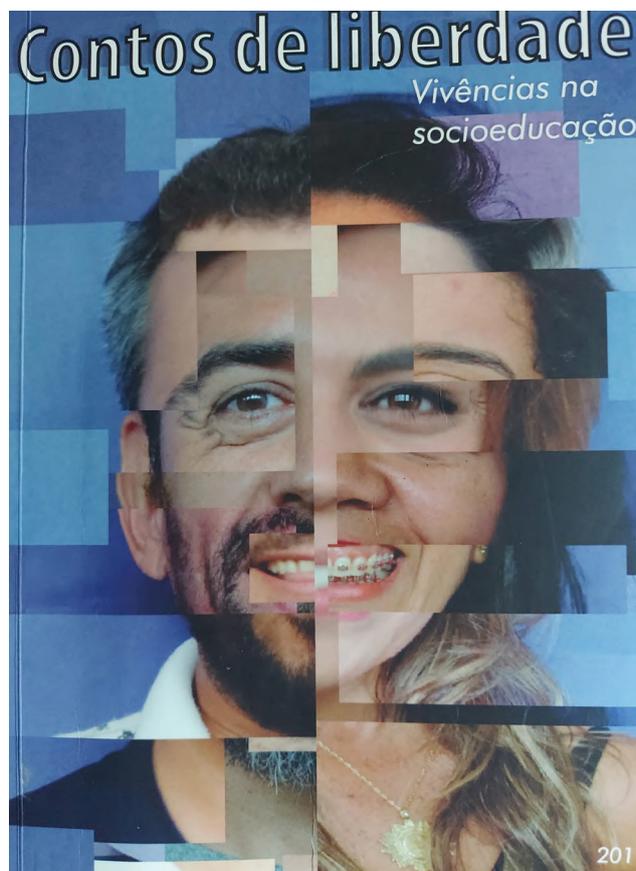
* Leísa Sasso é licenciada em Educação Artística (UnB - 2000), especialista em Gestão Escolar (UnB - 2009), e em História da Arte (FADM - 2005), mestre em Arte (UnB - 2014), doutora em Arte pela Universidade de Brasília (UnB - 2018). Realizou Estágio Doutoral na British Columbia University (UBC) no Canadá. Pertence ao Grupo de Pesquisas Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais (MEMAV/IDA/UnB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). É responsável pelo Programa Educativo na Diretoria do Museu Nacional da República. Contato: leisa.sasso@gmail.com

Introdução

No início de 2012, a escola de Ensino Médio, CEEd. São Francisco de São Sebastião, o “Chicão”, reforçou ainda mais o superlativo contido em seu nome. Além de quase 2.000 estudantes distribuídos em três turnos, a Unidade Escolar recebeu ainda um anexo com 120 estudantes em conflito com a lei. Não se tratava de um anexo qualquer, mas da Unidade de Internação Provisória de São Sebastião, a UIPSS, localizado no complexo prisional da Papuda, que atende os estudantes acautelados em socioeducação à espera de julgamento. Em meu primeiro dia como Diretora do Núcleo de Ensino, senti este misto de temor e motivação.

Minha primeira visita à Unidade foi muito impactante e assustadora, observo: “arquitetura de presídio, as “celas de aulas”, o forte odor, as grades e o aterroizante barulho dos ferrolhos se fechando, somados a jovens andando de cabeças baixas e mãos para trás,” (CAMPOS, 2017, p.98). A professora de Artes, “Luz” (nome fictício), relata no livro organizado por Campos, *Contos de liberdade - Vivências na socioeducação*, as narrativas de 29 professores:

Figura 1 - Capa da publicação dos professores da UIPSS “Contos de Liberdade” publicado em 2017 com recursos do programa de Ensino Médio Inovador (PROEMI)



Fonte: ©Sara Araújo Pereira

Chorei muitas vezes no início, pois fiquei horrorizada com a estrutura física do prédio e com as instalações “arranjadas” para a escola, visto que não havia um espaço destinado a ela. Fomos utilizando as celas de aula espalhadas pela Unidade, misturadas aos espaços de acatamento e de higiene pessoal dos adolescentes. Eram adaptados os ambientes disponíveis, tanto para as aulas bem como para a sala dos professores e direção da escola. O que mais me incomodava era a “cela” dos professores que ficava entre o “fumódromo” (espaço de ventilação da Unidade que na época era destinado aos adolescentes para fumar nos horários de intervalo da escola e das oficinas, o que atualmente não existe mais) e uma das alas dos adolescentes. No momento de coordenação pedagógica ouvíamos os gritos dos adolescentes da ala o tempo todo, e vez por outra entrava pela ventilação o cheiro do cigarro vindo do fumódromo. Era um ambiente muito desagradável e adoecedor. Com muita gratidão, me lembro da intervenção da então diretora da escola vinculante de São Sebastião, que conseguiu, em 2014, um novo e maravilhoso espaço para sala dos professores e direção (CAMPOS, 2017, p. 69).

Ao cruzar os portões, encontrei um estudante conhecido, que já tinha sido nosso aluno na escola pública regular. Provo, então, sensações díspares, a alegria de rever um rosto familiar de quem gostamos e a tristeza de saber que havia cometido algum delito, algum deslize. Sem passar a mão na cabeça! Os professores da escola regular me censuravam e exigiam de mim uma postura mais disciplinar, rígida e punitiva em relação aos estudantes, mas eu sempre privilegiei relações dialógicas e pensei naquele estudante com tristeza. Falhamos, mas até que ponto a realidade se impõe sobre a prática educativa? O professor “Silver” (nome fictício) da área de humanas definiu os estudantes acautelados com bastante lucidez:

Alunos com realidades diversas, mas em sua maioria caracterizados pelas marcas da exclusão social, racial, econômica e/ou emocional. Alunos de periferias, em convívio direto com a

Figura 2 - Vista da Penitenciária da Papuda a partir da sala dos professores na UIPSS



Fonte: arquivo da autora

violência, forjados na cultura do crime, das drogas, por um sistema que nos metrifica pelo que temos, pelo que aparentamos e não pelo que somos. Por preconceitos que os tomam por rótulos e que tentam resumir-los a eles. Nesse caso, “*bandidos, vagabundos, pebas*”. [...] Mas faz-se necessário separar o indivíduo da sua ação. Não podemos confundi-los. Condenamos o ato, acolhemos o indivíduo, o divino que reside em cada ser humano (CAMPOS, 2017, p.98-99).

Vou na direção do garoto que estava junto a um grupo de outros estudantes que eu não conhecia. Dou algumas ‘bolsadas’ na criatura, como faria uma mãe, sem intenção de machucar, e pergunto: “Medonho o que você aprontou?”. Sinto os olhares de seus colegas de grupo me fuzilando e logo o ex-estudante me abraça e me apresenta pro grupo. “Galera essa é a minha diretora, gente fina, 22 de tudo!” (na linguagem dos internos o número 22 corresponde à identificação do estudante com insanidade mental). O estudante estava dizendo aos colegas que eu era doida e nesse meio isso não é um tratamento ofensivo, logo ele explicou. Vejo os olhares desafiadores de seus colegas se transformarem em sorrisos. Dou um beijo no menino e ele me conta do seu “vacilo”, em outras palavras, desvio de conduta ou do dever; engano, erro.

Costumo chamar os estudantes de medonhos e medonhas, seja porque não me lembro do nome de todos, seja porque se destacavam com notas ou atuação brilhante nos projetos, ou porque assumem atitudes incompatíveis com as atividades propostas pelos professores. No Rio Grande do Sul, onde nasci, se referir a alguém como medonho é como ressaltar um traço marcante de sua personalidade. Chamá-los, assim, também os tornam iguais em habilidades. Até hoje professores e estudantes me chamam carinhosamente de “Medonha”.

Esse encontro com esse estudante, preso na UIPSS, expôs a fragilidade da educação e as limitações da Educação que praticávamos que perdia espaço para o crime

Figura 3 - Estudantes acautelados durante projeto



Fonte: arquivo da autora

Figura 4 - Trabalho coletivo de recriação identitária dos estudantes



Fonte: arquivo da autora

e para as drogas. Nesse menino, a quem não havíamos conseguido afetar com as práticas pedagógicas, vejo também múltiplas identidades, subjetividades que assumimos. Logo percebi que os estudantes que iríamos atender nessa escola não eram diferentes dos nossos alunos ditos regulares. Em muitas periferias das grandes cidades, o crime é tratado com uma certa normalidade e compreendido pelos moradores como uma atividade comercial de alto risco. A professora “Luz” de Artes afirma que:

[...] não tenho a pretensão de salvar ninguém, entretanto me esforço diariamente para despertar em meus alunos o desejo de salvarem a si mesmos, de criarem uma nova trajetória de visitarem seus sonhos de infância e de refletirem sobre o preço que estão pagando para terem suas roupas e sapatos de marca, para curtir seus “frevos”, que são festas regadas a whisky e drogas que tanto gostam. Levá-los a ponderar se a satisfação desses desejos vale a sua liberdade, sofrimento de suas mães e até mesmo a vida de pessoas inocentes que muitas vezes é tirada nesses “corres” (como eles chamam seus atos infracionais) (CAMPOS, 2017, p.66).

1. O desafio

Além dessas reflexões relacionadas ao alcance limitado de nossas ações e de nossas intenções, o que poderia dizer aos professores nesse primeiro dia de aula? Qual seria a diretora que apontava a nova gestão da educação para esse Núcleo de Ensino? Disse aos profissionais da socioeducação que gostaria de ouvi-los, que gostaria de aprender com eles. Esse trabalho inicial de diálogo, de cooperação, de confiança e de escuta sensível foi nossa proposta para os professores. Na verdade, adotamos o mesmo procedimento, a mesma forma de trabalho que já era praticada pelos professores da UIPSS com seus estudantes no dia a dia. Aprendemos, tanto com os professores como com os estudantes, que mais do que professor qualquer coisa

é preciso ouvir essas vozes que estão ali silenciadas. É imprescindível, como disse a coordenadora pedagógica da UIPSS, “socializar experiências, frustrações, sentimento de impotência, de dificuldade em saber estabelecer um limite na relação professor-aluno” (CAMPOS, 2017, p.134). Aprende-se a mediar conflitos com muito diálogo. Só assim aprendemos a aprender.

A professora de Língua Portuguesa conta que, ao compartilhar com os estudantes a leitura do livro biográfico escrito pelos detentos do Carandiru “Letras de Liberdade” (2000), percebeu que, mesmo estando diante de dificuldades com a ortografia, a estruturação textual, a pontuação, dentre outras, o que viu foi um compêndio digno de doutores em Sociologia, Antropologia, Filosofia etc. “Dedé” (nome fictício) diz ter encontrado ricas reflexões sobre as desigualdades absurdas desse país chamado Brasil.

Pretensão seria dizer que encontrei a fórmula mágica para as mazelas da educação, mas certamente compreendi algo muito mais difícil: É preciso fazer sentido, pois sem significação o processo educacional, tal qual preconizam alguns, torna-se ineficaz e, portanto, sem valorização real. Percebi que as metodologias pedagógicas, por vezes, tão questionadas, são fruto de uma necessidade, do contexto e do interesse em “fazer o novo” (CAMPOS, 2017, p. 34-35)

No ano de 2013, antes do “novo”, ou seja, da inovação acontecer na UIPSS, durante nossas reuniões, eu tentava entender como se escolhia o conteúdo que seria ministrado, qual critério valorizava determinado conteúdo em detrimento de outros. Até ali, não havia visto muita diferença entre os estudantes da UIPSS e os estudantes do ensino regular do “Chicão”, salvo raras exceções. Os professores reclamavam da apatia e total desinteresse dos estudantes. Nada mais natural, uma vez que é difícil explicar a importância da tabela periódica para alguém que aguarda uma sentença.

Diante dos mesmos problemas vividos na educação regular, compartilhamos com os professores do Núcleo de Ensino da Unidade de Internação algumas publicações e registros de nossas práticas com projetos que aconteciam desde 2008. A escola vinculante da UIPSS e o CEd. São Francisco, o “Chicão”, se inspiravam principalmente na Escola da Ponte portuguesa e na libertária Summerhill inglesa, como modelo dialógico e democrático de condução da gestão. Do ponto de vista pedagógico, trabalhávamos com projetos de trabalho embasados na leitura do teórico espanhol Fernando Hernández, e buscamos significar o conhecimento relacionando-o com a realidade, como nos ensinou Paulo Freire.

Essas ideias e sugestões que foram apresentadas, discutidas e depois reconstruídas pela direção e pelo grupo de professores, foram incorporadas às práticas pedagógicas da instituição, como uma construção

conjunta, um verdadeiro projeto político-pedagógico, melhor, uma Proposta de Potência Poética Política e Pedagógica, como eu prefiro chamar. Elas surgiram a partir da reflexão sobre a necessidade, a conveniência e a oportunidade de se fundir a prática pedagógica (científica, artística, técnica) com a teoria (conhecimento, saberes, o currículo, visualidades) e com a poética (arte, performance - física ou artística -, teatro, poema, música). Procuramos abandonar a dialética modernista que opõe teoria e prática para somá-las, incluindo nessa adição a poética. Nessa tríade, aberta para infinitas conexões em rede de conhecimento e significação, não somente é permitido, como é aconselhável, o fomento da imaginação, do prazer, da criatividade e da emoção em contexto educacional. Fazer uma Educação Baseada nas Artes, ou a Alfabetização foi o desafio proposto aos educadores.

Trabalhar na perspectiva de criar diálogos entre a teoria contida no currículo da educação básica e as práticas artísticas e pedagógicas é o que se entende por Alfabetização. Mais do que uma metodologia pedagógica de ensino, trata-se de uma filosofia de educação, em que o foco nas aprendizagens considera o estudante como o artista, pesquisador e sobretudo o protagonista das produções que unem o que se pretende pesquisar ou conhecer com a poética que aportam as Artes para uma mudança nas práticas pedagógicas. No contexto socioeducativo, tornar o estudante protagonista da produção acadêmica é emponderá-lo com a consciência de que pode criar outras histórias para sua própria vida, pode criar poesias, além das histórias que se relacionam com a criminalidade.

Sendo assim, no início de 2014, os professores lotados na UIPSS passaram a por em prática “o novo”, essa ideia “assustadora” de mudança, o corajoso trabalho de inovação e de criatividade pedagógica que rompia a inércia, que nos expulsava da zona de conforto, lançando a todos em uma aventura pedagógica plena de emoção e satisfação pessoal, onde a infelicidade, aquela sensação de inutilidade, a possibilidade do fracasso simplesmente deixaram de ser opções. Como conta a atual Supervisora do Núcleo de Ensino da Unidade de Internação, “Lembro-me bem que os que perceberam que não estavam a fim de encarar a mudança, saíram sem nem olhar para trás” (CAMPOS, 2017, p. 115). Os que permaneceram estabeleceram uma relação bastante particular com a escola:

Jamais trabalhei ou tive notícia de uma escola onde os professores se envolvessem tão entusiasmadamente na construção de projetos, na melhoria da escola e na realização de atividades que promovam um melhor aproveitamento do aluno e o prazer em estar na escola. Os professores aqui capinam, varrem, lavam, fazem marcenaria, serralheria, pintam parede e o que precisar para proporcionar um melhor ambiente para nosso aluno (SUJEITO, 2017, p. 26).

Aqui, vale a ressalva de que utilizamos a palavra “projeto”, mas, na verdade, queremos dizer desafio. Os meus colegas da UIPSS estão construindo uma escola onde se trabalha com “desafios” diários de criação, de pequenos eventos artísticos e pedagógicos que acontecem em um curto espaço de tempo, mas que alcançam e afetam a maioria dos estudantes. O colegiado aceitou o desafio de fazer diferente, o desafio de compartilhar saberes e experiências, assim como esperanças e temores. O desafio de ressaltar a poética como possibilidade de libertação em um espaço carcerário, como possibilidade de ressignificação da individualidade e da vida em sociedade, não pode ser entendido de outra forma, mas só como um grande desafio. A professora de Arte ainda resume sua relação de afeto com a escola:

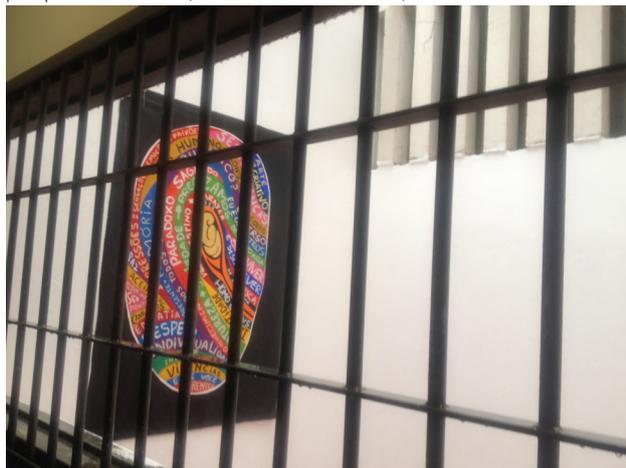
Entendendo a UIPSS como o próprio “Chicão”, então, posso dizer que amo o que nossa escola se tornou, acredito no trabalho feito pela UIPSS, me orgulho da harmonia do grupo e da cooperação existente entre os professores. Os nossos alunos amam a escola e pedem sempre mais e independente do estado de espírito que estou antes de entrar em sala quando acaba a aula estou sempre motivada e realizada pelo trabalho com os alunos (SUJEITO, 2017, p.26,).

Esse sentimento é importante para que o estudante volte a estudar, nosso objetivo maior nesse contexto é que a escola se torne protagonista na vida dos estudantes, ela precisa se tornar atraente, poética, criadora de outras visualidades e de outros sonhos. Assim, a educação não poderia estar afastada do contexto em que estão inseridos os estudantes, sendo necessário [re]significar a violência, as identidades, os valores que se apresentam no dia a dia desses meninos, seus familiares e de nós mesmos professores. Deste modo, a aprendizagem tem acontecido como um lampejo do grupo, uma descoberta coletiva em um processo de simbiose com a comunidade, de acolhimento e diálogo. Essa educação que desejamos acontece quando fazemos da educação um prazer, como foi sugerido por Bertha Lutz (1894-1976).

Nesse contexto prisional é importante estabelecer relações de afeto com os estudantes, é o primeiro passo para uma abertura posterior ao diálogo, à escuta sensível. O professor “Netoz” (nome fictício) relata em livro publicado pelos professores da Unidade de Internação Provisória que, após uma explanação da coordenadora pedagógica da UIPSS sobre a metodologia de projetos e, percebendo a necessidade de trabalhar temas que provoquem a reflexão, escreveu:

A partir daí passei a compreender melhor a verdadeira necessidade desses adolescentes, que realmente não era a de aprender sobre ditongo, tritongo nem hiato, mas sim, de atenção, de uma palavra amiga, de compreensão, oportunidade, orientação, da voz, do carinho e do consolo, de se perceberem

Figura 5 - Fragmento de Mural no interior da UIPSS, trabalho coletivo conduzido pela professora “Luz” (Nome fictício SUJEITO P26)



Fonte: arquivo da autora.

capazes, com potencial. Precisavam de uma boa conversa, entre outras atitudes, mas também de limites, de saber que para conseguir o que queremos, temos que trabalhar, correr atrás dos sonhos com honestidade, isso era o que realmente precisavam” (CAMPOS, 2017, p. 103).

Considerações finais

“Hoje todo o formato da atuação da escola facilita a execução de projetos e hoje o conteúdo na minha aula é sempre trabalhado dentro de cada projeto”. Essa voz da Professora de Arte “Luz” (nome fictício) é afirmativa de uma proposta de trabalho artístico e pedagógico transdisciplinar. Esse empoderamento do profissional da Educação é muito diferente do discurso que representa os pobres professores sem vozes nos Estados. A voz da potência poética da educação, ou a Proposta de Potência Poética Política e Pedagógica (PPPPP) projeta outra Educação, a educação proposta pela A[r]t[og]rafia, a Educação Baseada em Artes. Não fizemos experimentos pedagógicos com nossos estudantes e professores, mas propusemos diálogos poéticos entre as práticas pedagógicas e o conhecimento. Poética, Prática e Teoria em sinergia.

Nossas invenções pedagógicas que já foram criticadas dentro da própria escola e fora dela, hoje, nos orgulham. Em virtude de existir uma profusão de projetos no “Chicão” como o de Circo, de Filosofia e Dança, de Meditação para a Leitura, de Teatro de Bonecos, de Curta Metragens de 5 minutos, de Mediação de Conflito, de Grafite e História, a escola foi chamada pejorativamente de São FranCIRCO, mas essa mesma escola também se tornou referência para o MEC de Inovação e Criatividade propondo uma Educação contemporânea que associa a racionalidade à sensibilidade. Uma pequena fagulha de esperança nessa arena seca de criatividade que tem sido a educação.

“Pego carona” nesse trabalho incrível que me inspira, porque esses professores trilham um caminho de descobertas, querem saber o que significa aprender e ensinar. Caminho complexo que implica responder às questões filosóficas e políticas que nem sempre nossas vivências são capazes de abarcar. Por isso, em nosso cotidiano, encaramos nossas práticas pedagógicas com

humildade, sempre duvidando de sua eficiência, sempre adotando uma postura serena, sempre buscando respostas, aprendendo mais e mais. Ao mesmo tempo, também precisamos nos sentirmos confiantes e nos empoderarmos, uma vez que a educação é ação política grandiosa que influencia e transforma as pessoas e os lugares onde elas vivem. ■

Notas

¹ Baseada em fragmento da Tese: Educação em Visualidades no “Chicão”

Referências

- CAMPOS, Sylvia Barbosa (org.). **Contos de Liberdade: Vivências na Socioeducação**. Brasília: Ed.Cidade, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- IRWIN, R. L. *A/r/tografia*. Em: Dias B., Irwin, R. L. (org.) **Pesquisa Educacional Baseada em Artes: A/r/tografia**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2013.
- LOBO, Y. **Bertha Lutz Coleção Educadores**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- SASSO, Leísa. **Educação em Visualidades no Chicão**: Centro Educacional São Francisco do Distrito Federal. Universidade de Brasília, Brasília, DF. 2018. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/handle/10482/34965\(2018\)](https://repositorio.unb.br/handle/10482/34965(2018)).